

PIETROFORTE, A. V. S. O sincretismo entre as semiótica verbal e visual. *Revista Intercâmbio*, volume XV. São Paulo: LAEL/PUC-SP, ISSN 1806-275X, 2006.

O SINCRETISMO ENTRE AS SEMIÓTICAS VERBAL E VISUAL

Antonio Vicente Seraphim PIETROFORTE (Universidade de São Paulo)

ABSTRACT: Studying the plane of expression based on the theory of semi-symbolism, the Semiotics studies the syncretism. Our work explores the meaning effects between verbal and visual, based on the models proposed by J. M. Floch and R. Barthes about the rhetoric of image.

KEYWORDS: semiotics; syncretism; plane of expression; enunciation; image.

1. Entre o verbal e o plástico

De acordo com a semiótica, o plano de conteúdo é formado no percurso gerativo do sentido e manifestado no plano de expressão. Nesse modelo, a formação do conteúdo independe do plano de expressão que a manifesta. São dos domínios do conteúdo, portanto, a categoria semântica fundamental e os valores gerados por ela; a narratividade desenvolvida entre sujeitos narrativos e objetos investidos desses valores; e a colocação em discurso, cuja superfície é formada por percursos figurativos. O plano de expressão manifesta, então, a figuratividade resultante da geração de sentido descrita pelo percurso gerativo, investida de valores articulados desde o nível fundamental.

Na articulação entre o verbal e o plástico, a figuratividade, formada no plano de conteúdo, é manifestada por diferentes formas de expressão. Essas diferentes formas, verbais e/ou plásticas, manifestam a figuratividade em distribuições diferentes. Queremos dizer com isso que o percurso figurativo pode, entre o verbal e o plástico, manifestar-se distribuído entre categorias fonológicas e categorias plásticas de modos diferentes. Vamos estudar, em seguida, essas possibilidades e seus efeitos de sentido.

2. A figuratividade e retórica da imagem segundo Roland Barthes

No texto “A retórica da imagem” (Barthes, 1984: 27-41), básico para quem pretende estudar relações entre o verbal e o plástico, R. Barthes define dois modos de relação entre a imagem e a língua (Barthes, 1984: 31-34): há o modo de ancoragem, em que o verbal reduz a

polissemia da imagem, explicando-a; e há o modo de etapa, em que o verbal e a imagem “são fragmentos de um sintagma mais geral” (Barthes, 1984: 33). Numa foto jornalística, por exemplo, a legenda cumpre função de ancoragem, já que determina, delimitando, o sentido polissêmico carregado pela imagem. Uma história em quadrinho é diferente, nela as falas articulam-se com as imagens no eixo sintagmático que as realiza na formação do sentido que as compreende. Em etapa, o verbal não se limita a reduzir a polissemia das imagens, mas integra-se a elas na construção do sentido.

No livro *Semiótica visual - Os percursos do olhar* (Pietroforte, 2003: 57-64), é examinada a ancoragem em uma foto - anexo 1- de Alceu Toledo Jr., publicada na revista *Placar*, especializada em futebol.

Ancorando a imagem, há duas legendas: a destacada por fonte maior, que diz “A bola rola solta na cadeia”; e a em fonte menor, colocada no canto direito, que diz “Na casa de detenção do Carandiru, o futebol é mais que uma simples diversão entre os presos”. Ambas tratam do mesmo conteúdo; a primeira, porém, difere da segunda porque nela há ênfase na função poética da linguagem, ao passo que na outra, na função referencial. Por enquanto, vamos nos ocupar da segunda.

No plano de conteúdo do texto, o revestimento figurativo semantiza as categorias sintáticas de pessoa, tempo e espaço. Na relação entre o verbal e o plástico, nesse caso, tanto a foto quanto a legenda manifestam o mesmo percurso figurativo, de modo que há ancoragem justamente por causa disso. A legenda explica a foto porque há redundância de informação, a figuratividade formada no conteúdo é expressa tanto por fonemas quanto por imagens.

Se na foto a imagem plástica mostra presos jogando futebol no Carandiru, a frase diz a mesma coisa, só que por meio de imagens acústicas. Evidentemente, para quem não conhece a casa de detenção, apenas a foto pode sugerir interpretações distintas da figuratividade: seriam moradores do Singapura jogando futebol? Ou, quem sabe, estudantes batendo uma pelada no CRUSP? Polissêmica, a imagem só adquire especificidade por meio da legenda, que identifica o lugar com o Carandiru, e não com um prédio do projeto Singapura ou do CRUSP, e as pessoas com presidiários, e não com ex-moradores de favelas ou estudantes. Isso, contudo, só confirma a identificação da manifestação da figuratividade pelas duas semióticas envolvidas: o visto coincide com o dito.

Na função de etapa, a figuratividade é distribuída de modo diferente entre o verbal e o plástico. Vamos examinar como isso se dá por

meio de história em quadrinhos da personagem Mafalda, de Quino - anexo 2.

Dentre os muitos temas tratados por Quino e sua Mafalda está a compreensível aversão da menina por sopas. No texto, na figuratividade que recobre esse percurso temático, as pessoas do discurso são Mafalda e sua mãe, e os espaços, a entrada da casa e o quarto dos pais. A descrição das personagens femininas e dos ambientes manifesta-se na semiótica plástica, mas o discurso em torno da sopa, na semiótica verbal. A figuratividade, portanto, está distribuída entre o verbal e o plástico de modo a ser partilhada por eles sem redundâncias, seus elementos manifestam-se ora plasticamente, como Mafalda e sua mãe, a entrada da casa e o quarto dos pais, ora verbalmente, como a história da sopa. O verbal, nesses casos, é uma etapa da manifestação do percurso figurativo, e não a explicação redundante do que é mostrado pela semiótica plástica.

Semiotizando Barthes, conclui-se que, na ancoragem, a figuratividade, formada no plano de conteúdo, manifesta-se de modo a que haja identificação figurativa entre o visto e o dito; e, na etapa, de modo a que algumas figuras são vistas e outras, ditas.

3. O semi-simbolismo

Além dos dois modos distintos de manifestação figurativa, distribuída entre o verbal e o plástico examinadas no item anterior, deve-se levar em conta a possibilidade da formação de relações semi-simbólicas entre categorias semânticas, fonológicas e plásticas. Tais relações, embora envolvam a figuratividade, pertencem a níveis mais profundos de realização semiótica, tanto na forma do conteúdo quanto na da expressão.

A legenda “A bola rola solta na cadeia” e sua relação com a imagem da foto de Alceu Toledo Jr. - anexo 1- é nosso primeiro exemplo de semi-simbolismo. Analisado no terceiro capítulo do *Semiótica visual – os percursos do olhar* (Pietroforte, 2004: 57-64), é possível determinar no plano de conteúdo do texto a categoria semântica fundamental *opressão vs. liberdade* e homologá-la tanto com categorias plásticas quanto com categorias fonológicas.

Na foto, há a categoria topológica *alto vs. baixo*, que distribui a categoria eidética *uniforme vs. multiforme*, dando forma, respectivamente, às janelas das celas da casa de detenção e à partida de futebol. Como as janelas uniformes e no alto figurativizam a opressão, e a partida multiforme e em baixo, a liberdade, há relação semi-simbólica entre a categoria semântica e as categorias plásticas determinadas: (PC opressão

/ PE alto e uniforme) vs. (PC liberdade / PE baixo e multiforme).

Na semiótica verbal, a frase “A bola rola solta na cadeia” também está fundamentada pela categoria semântica *opressão vs. liberdade*. A expressão fonológica, por sua vez, é formada pela categoria *posterior vs. anterior* aplicada sobre as vogais: na seqüência “A bola rola solta” há realização de vocalismo posterior nas vogais /ó/ e /ô/; e na seqüência na “cadeia”, de vocalismo anterior na vogal /ê/ e na semivogal /j/. Revela-se, portanto, outra relação semi-simbólica, agora entre a categoria semântica e a categoria fonológica: os conteúdos da liberdade manifestam-se no vocalismo posterior, e os da opressão, no vocalismo anterior.

Nesse primeiro exemplo, portanto, a categoria semântica, semi-simbolizada ora com categorias plásticas, ora com categorias fonológicas, relaciona o plástico com o verbal por meio do plano de conteúdo, comum às duas semióticas envolvidas.

Nosso segundo exemplo de semi-simbolismo é a célebre análise de Floch “News: sémiotique plastique et système semi-symbolique syncrétique” (Floch, 1985: 147-169). Trata-se do estudo semiótico de uma propaganda de cigarros. Em síntese, Floch aplica as categorias topológicas *intercalante vs. intercalado* e *englobante vs. englobado* para descrever a distribuição das categorias eidéticas e cromáticas que dão forma ao plano de expressão da propaganda. As categorias eidéticas são sistematizadas em *regularidade vs. irregularidade*, *em paralelo vs. em rede*, *ortogonalidade vs. ausência de ortogonalidade* e *simetria vs. assimetria*; e as cromáticas são sistematizadas em *por saltos vs. por gradação*, *cor pura vs. jogo de valores*, *policromatismo vs. monocromatismo*, *cores puras vs. cores em nuance*. Partindo para um grau maior de abstração, Floch mostra que tanto as categorias eidéticas quanto as cromáticas podem ser sistematizadas pela categoria formal *descontinuidade vs. continuidade*.

A categoria formal *descontinuidade vs. continuidade*, além de sistematizar a forma e o cromatismo, é homologada à categoria semântica *identidade vs. alteridade*, responsável pela articulação do plano de conteúdo. Determina-se, portanto, a relação semi-simbólica que dá forma semiótica à propaganda, mas, até então, a análise está restrita à semiótica plástica. O slogan que acompanham a imagem fotográfica é a legenda “Take a break in the rush”, que, de acordo com Floch, está sujeita ao mesmo semi-simbolismo: no plano de conteúdo, *identidade vs. alteridade*; e no plano de expressão, a *descontinuidade* manifesta-se nas consoantes oclusivas da seqüência “Take a break”, e a *continuidade*, nas

consoantes constrictivas da seqüência “in the rush”.

O trabalho de Floch é minucioso na desmontagem semiótica do texto da propaganda, minúcia que não foi nossa intenção reproduzir. Nossos objetivos, ao citá-lo, não se resumem a dar mais um exemplo de semi-simbolismo, para isso bastaria o texto da revista *Placar*, apresentado antes. O resumo das conclusões de Floch é pertinente porque as relações semi-simbólicas determinadas por ele são diferentes das do exemplo anterior: na “Bola rola solta na cadeia” a dimensão plástica do texto relaciona-se com a verbal por meio de relações com o conteúdo, sem a presença de uma categoria de expressão que as sistematize entre si; na propaganda do cigarro *News* isso já acontece, a categoria formal *descontinuidade vs. continuidade* sistematiza tanto a dimensão plástica quanto a verbal.

Esse fenômeno semiótico permite apontar dois tipos de semi-simbolismo entre o verbal e plástico: um em que categorias verbais relacionam-se com categorias plásticas por meio de categorias do conteúdo; e outro em que há, pelo menos, uma categoria formal de expressão, comum às duas semióticas, que sistematiza o verbal e o plástico, sendo por meio dela que se dá a relação semi-simbólica com as categorias semânticas. Em outras palavras, há um semi-simbolismo em que formas plásticas e formas fonológicas são correlacionadas por meio de formas semânticas; e há um semi-simbolismo em que formas plásticas e formas fonológicas são sistematizadas por, pelo menos, uma categoria formal do plano de expressão, que por sua vez é correlacionada a formas semânticas. Ao primeiro caso, propomos chamar semi-simbolismo parcial; ao segundo, semi-simbolismo total.

4. Figuratividade e semi-simbolismo entre o verbal e o plástico

Tanto os resultados obtidos das propostas de Barthes quanto as aplicações do semi-simbolismo são fenômenos da distribuição da figuratividade entre o verbal e o plástico, o que muda entre eles é o modo e o grau das relações semióticas. O modo diz respeito a como o percurso figurativo está distribuído entre o verbal e o plástico: o verbal cumpre função ou de ancoragem ou de etapa; o grau diz respeito à profundidade das relações entre categorias semânticas, fonológicas e plásticas: vai da ausência de semi-simbolismo ao semi-simbolismo parcial ou total.

Combinando modos e graus de distribuição figurativa, pode-se propor uma sistematização do processo semiótico que combina semiótica verbal e semiótica plástica no mesmo plano de expressão.

Partindo do verbal na função de ancoragem, sem quaisquer

relações semi-simbólicas entre o verbal e o plástico, temos o exemplo da foto da revista *Placar* mais a legenda que diz “Na casa de detenção do Carandiru, o futebol é mais que uma simples diversão entre os presos”. Nesse caso, o percurso figurativo do plano de conteúdo manifesta-se com redundância nas duas semióticas envolvidas, o que é dito coincide com o que é visto. Há, portanto, afirmação da identificação entre imagens acústicas e imagens plásticas. Nada impede que haja semi-simbolismo entre categorias plásticas e semânticas, isso garante a poeticidade da imagem vista; a ancoragem verbal, contudo, no caso de identificação figurativa, não deve ser formada por meio de relações semi-simbólicas entre categorias fonológicas e semânticas. Vamos chamá-la ancoragem simples.

Quando surgem relações semi-simbólicas na ancoragem verbal, a identificação é negada e a mensagem verbal é singularizada ou diferenciada. Na singularização, o semi-simbolismo parcial relaciona categorias plásticas e fonológicas por meio de, pelo menos, uma categoria semântica. Dotando a mensagem verbal de efeitos poéticos, próprios do semi-simbolismo e da projeção do eixo paradigmático no sintagmático, esse tipo de distribuição figurativa garante relativa autonomia ao verbal, mas sem dispensar a identificação necessária à função de ancoragem. A frase “A bola rola solta na cadeia” ancora a imagem da fotografia, promovendo identificação entre a figuratividade manifestada entre o verbal e o plástico, mas ganha autonomia poética por estar centrada na mensagem, e não na referência, como é o caso da outra mensagem verbal presente no mesmo texto. Sem afirmar a diferenciação, o semi-simbolismo parcial nega, na singularização, a identificação total entre imagem vista e imagem acústica.

No processo de identificação figurativa que cria o efeito de referência, a frase “A bola rola solta na cadeia” é menos específica que a frase “Na casa de detenção do Carandiru, o futebol é mais que uma simples diversão entre os presos” porque determina seu significado com menos densidade sêmica: fala-se “cadeia”, e não “A casa de detenção do Carandiru”; e fala-se “a bola rola solta”, e não “o jogo de futebol é mais que uma simples diversão entre os presos”. Ela, contudo, é singular no efeito poético construído, permitindo, inclusive, a polissemia característica dos textos poéticos e outras leituras temáticas além de somente ser um modo de falar do jogo de futebol entre presidiários.

A diferenciação figurativa é afirmada quando há semi-simbolismo total. Contrária à identificação, na diferenciação a mensagem verbal ganha total autonomia em relação à mensagem visual. Nela, há

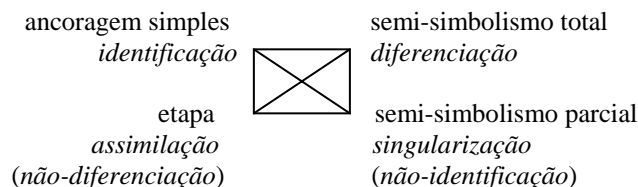
implicação de relações semi-simbólicas entre categorias semânticas, plásticas e fonológicas, no entanto, as categorias de expressão são sistematizadas por uma categoria formal, responsável pelo semi-simbolismo com o conteúdo. A frase, por isso, relaciona-se antes com essa categoria de expressão que com a categoria semântica diretamente, como é o caso de “Take a break in the rush”.

Na legenda em inglês, a categoria fonológica *oclusividade vs. constrictão* das consoantes relaciona-se com a categoria formal *descontinuidade vs. continuidade*, e é essa categoria que se relaciona com a categoria semântica *identidade vs. alteridade*. O verbal, portanto, presta contas antes à categoria formal que à categoria semântica, por isso sua autonomia.

No semi-simbolismo parcial, a falta de uma categoria formal a sistematizar as categorias da expressão impede o funcionamento independente desse plano no que diz respeito às duas semióticas envolvidas. A combinação entre o verbal e o plástico no semi-simbolismo parcial é mediada pelo conteúdo, já no semi-simbolismo total ela é mediada pela expressão. Essa relativa independência a faz subordinada antes à forma da expressão que à forma do conteúdo, por isso sua autonomia verbal. A frase em inglês é menos específica ainda que a frase “A bola rola solta na cadeia” em sua função de ancoragem, se a frase em português ainda preserva a figuratividade também expressa na fotografia, “Take a break in the rush” pouco tem a ver com a imagem vista na propaganda de cigarros. Trata-se de ancoragem, a mensagem verbal explica a visual, contudo, a autonomia poética é tão acentuada que sua polissemia desvia o conteúdo para outros significados.

Essa diferenciação entre o verbal e o plástico pode ser negada, de modo que o verbal e a imagem sejam tomados como “fragmentos de um sintagma mais geral” (Barthes, 1984: 33). Nessa relação, há assimilação entre o verbal e o plástico em função desse “sintagma mais geral”, de modo que a distribuição figurativa dá-se ora por meio do verbal, ora por meio do visual. Na terminologia de Barthes, trata-se do verbal na função de etapa. Há assimilação entre as duas semióticas pelo mesmo percurso figurativo sem que se afirme uma identificação total entre a imagem acústica e a imagem vista.

As relações figurativas entre o verbal e o plástico discutidas acima são articuladas no seguinte quadrado semiótico, formado pela categoria formal *identificação vs. diferenciação*:

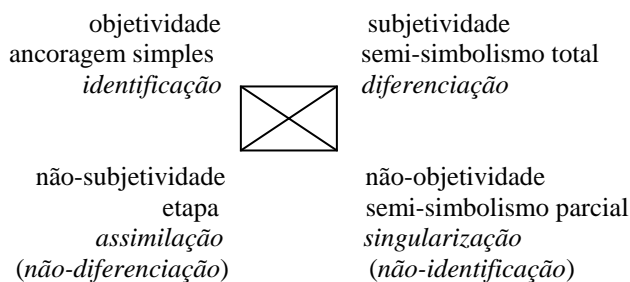


5. As relações figurativas entre o verbal e o plástico e seus efeitos de sentido

O modelo proposto sistematiza os modos como a semiótica verbal combina-se com a semiótica plástica na expressão do percurso figurativo. Cada uma das quatro possibilidades assegura efeitos de sentido próprios.

Na identificação, a função de ancoragem simples cria com a imagem o efeito de referência. Ao fazer coincidir o dito com o visto, criam-se correspondências que garantem a objetividade do visto, explicado e confirmado pelo dito. Essa objetividade referencial é negada na singularização do dito pelo semi-simbolismo parcial entre ele e o visto; e contrariada na diferenciação do dito pelo semi-simbolismo total entre ele e o visto. Contrariada a objetividade, afirma-se a subjetividade na diferenciação do dito, própria das mensagens poéticas, confirmada pela polissemia do verbal nessas situações. A subjetividade, por sua vez, é negada na assimilação da função de etapa, em que o dito está subordinado à sua combinação com o visto como fragmento “de um sintagma mais geral” (Barthes, 1984: 33), perdendo, assim, sua autonomia poética.

Efeitos de sentido *objetividade vs. subjetividade*, portanto, estão articulados deste modo com o modelo proposto:



PIETROFORTE, A. V. S. O sincretismo entre as semiótica verbal e visual. *Revista Intercâmbio*, volume XV. São Paulo: LAEL/PUC-SP, ISSN 1806-275X, 2006.

ANEXOS

anexo 1



anexo 2



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARTHES, Roland. *O óbvio e o obtuso*. 1. ed. Lisboa: Edições 70, 1984.
FLOCH, Jean-Marie. *Petites Mythologie de l'oeil et de l'esprit, pour une sémiotique plastique*. 1. ed. Paris-Amsterdam: Hatès-Benjamins, 1985.
GREIMAS, Algirdas Julien e COURTÉS, Joseph. *Dicionário de semiótica*. 1.ed. São Paulo: Cultrix, s.d.
PIETROFORTE, Antonio Vicente. *Semiótica visual, os percursos do*

PIETROFORTE, A. V. S. O sincretismo entre as semiótica verbal e visual. *Revista Intercâmbio*, volume XV. São Paulo: LAEL/PUC-SP, ISSN 1806-275X, 2006.

olhar. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2004.
QUINO. *13 anos com Mafalda*. 1.ed. Lisboa: Dom Quixote, 1983.